

A vibrant, stylized illustration of a diverse crowd of people, all wearing white face masks. The individuals have various hair colors (red, blue, pink, black, brown) and styles, and are dressed in colorful clothing. The background is a mix of dark and light purple tones, creating a sense of depth and movement.

RELATÓRIO DE PESQUISA
SEGUNDA ETAPA

CONDIÇÕES DE TRABALHO NO IFSP EM TEMPOS DE COVID-19

APARECIDA NERI DE SOUZA
LILIANE BORDIGNON

ABRIL | 2021

 **SINA SEFE-SP**

The logo for SINA SEFE-SP features a stylized red and white graphic element resembling a person or a symbol, followed by the text 'SINA SEFE-SP' in a bold, black, sans-serif font.

SINASEFE-SEÇÃO SÃO PAULO

RELATÓRIO PRELIMINAR DE PESQUISA

**PESQUISA CONDIÇÕES DE TRABALHO NO IFSP EM
TEMPOS DE COVID-19**

Aparecida Neri de Souza

Liliane Bordignon

ABRIL, 2021.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS.....	5
IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL	5
IDADE.....	6
COR OU RAÇA.....	7
ESTADO CIVIL OU SITUAÇÃO CONJUGAL	7
FILHOS	8
COM QUEM MORA.....	9
ESCOLARIDADE	9
2. RELAÇÕES DE TRABALHO	9
LOCAL DE TRABALHO.....	9
ÁREA DE TRABALHO	10
TEMPO DO TRABALHO NO IFSP	10
CARREIRA NO IFSP	12
CONTRATOS DE TRABALHO	13
3. CONDIÇÕES DE TRABALHO	13
TEMPO DE TRABALHO ANTES E DURANTE O ISOLAMENTO.....	13
RITMOS E METAS DE TRABALHO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL	15
ADOECIMENTO	16
4. AVALIAÇÃO DO TRABALHO REMOTO	18
DIFICULDADES NA REALIZAÇÃO DO TRABALHO REMOTO.....	18
5. DINÂMICA FAMILIAR	20
USO DO TEMPO TRABALHO DOMÉSTICO E PROFISSIONAL	20
DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	24
6. SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO	26
7. RELAÇÕES SINDICAIS.....	28
FILIAÇÃO SINDICAL	28
AS OBRIGAÇÕES SINDICAIS.....	29

PESQUISA CONDIÇÕES DE TRABALHO NO IFSP EM TEMPOS DE COVID-19

Aparecida Neri de Souza¹

Liliane Bordignon²

INTRODUÇÃO

O SINASEFE (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica), Seção Sindical São Paulo, com a parceria das pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Diferenciação Sociocultural da FE-UNICAMP, realizaram uma pesquisa sobre as condições de trabalho de professores, professoras, técnicas e técnicos administrativos do Instituto Federal São Paulo (IFSP). A **primeira etapa** da pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2020³ e o relatório concluído em setembro do mesmo ano encontra-se disponível no portal do SINASEFE. A **segunda etapa** foi realizada no final de 2020⁴, quando as atividades com aulas já haviam sido retomadas e estavam sendo trabalhadas remotamente. A segunda etapa da pesquisa é apresentada nesse sumário executivo.

A pesquisa tem como objetivo compreender sob quais condições trabalhadores e trabalhadoras no campo da educação vivenciaram as mudanças do trabalho presencial para o trabalho remoto decorrentes da pandemia de Covid-19. A primeira etapa apontou lacunas que foram exploradas na segunda etapa. O questionário aplicado no primeiro semestre de 2020 continha 26 perguntas – abertas e fechadas – relativas às condições de vida e trabalho das trabalhadoras e trabalhadores do IFSP. O questionário aplicado no segundo semestre de 2020 continha 91 perguntas para os docentes e 77 perguntas para os técnicos administrativos.

ORGANIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

- 1) A caracterização social dos e das respondentes: idade, identidade de gênero, orientação sexual, cor ou raça, estado civil ou situação conjugal, se possuem filhos, com quem moram e escolaridade;
- 2) As relações de trabalho: local e área de trabalho; tempo de trabalho e carreira no IFSP e contratos de trabalho dos e das respondentes;
- 3) As condições de trabalho: a adesão ao trabalho remoto, se poderiam optar ou não; a renda individual e familiar; as atividades de trabalho antes e durante a pandemia; tempo de trabalho semanal e diário antes e durante o isolamento social; mudanças na

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Professora do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU).

³ O questionário foi elaborado pelo SINASEFE e aplicado em abril de 2020, o tratamento dos dados e elaboração do relatório foi realizado pelas pesquisadoras e publicado em setembro de 2020. Disponível em https://sinasefesp.org.br/wp-content/uploads/2020/11/CONDICOES-DE-TRABALHO-REMOTO-NO-IFSP_RELATORIO.pdf. Acesso em abril de 2021.

⁴ O questionário foi aplicado no período compreendido entre 16 de novembro a 20 de dezembro de 2020.

rotina de trabalho durante o isolamento social; instrumentos e ferramentas de trabalho durante o isolamento social; conhecimento que possuíam sobre os recursos tecnológicos utilizados durante o isolamento social; as condições ergonômicas de trabalho durante o isolamento social; os gastos com condições de trabalho; o apoio institucional; organização e realização do trabalho; e o adoecimento;

4) A avaliação do trabalho remoto, ainda que esta dimensão se refira as condições de trabalho, é tratada distintamente, pois envolve as possibilidades de reestruturação do trabalho no campo da educação no pós-pandemia. Assim, são avaliadas as dificuldades na realização do trabalho remoto; as possibilidades de aceitação ou não do trabalho remoto, a avaliação do trabalho remoto (pedagógico e no conjunto), as vantagens ou não da modalidade de trabalho, as possibilidades de realizar presencial ou remotamente; as perspectivas de manutenção ou ampliação da modalidade de trabalho; e as tendências de reorganização do trabalho docente e técnico administrativo na modalidade remota.

5) Dinâmica familiar: o uso do tempo trabalho doméstico e profissional; e a divisão sexual do trabalho;

6) Sentidos atribuídos ao trabalho: a concepção que os trabalhadores e trabalhadoras possuem acerca de seu trabalho em termos de reconhecimento institucional e social e de posição social

7) Relações com sindicato esse bloco tem como objetivo analisar se os respondentes são filiados ou não, assim como a concepção sindical.

Metodologicamente, no relatório preliminar, são apresentadas as similitudes e diferenças entre as duas categorias profissionais - docentes e técnicos administrativos - no seu conjunto e desagregadas por gênero de alguns quanto a: (a) características sociais; (b) relações de trabalho destacando: tempo de trabalho e tempo na carreira; (c) condições de trabalho destacando: tempo e ritmo de trabalho, adoecimento; (d) avaliação do trabalho remoto destacando as dificuldades; (e) dinâmica familiar enfocando o uso do tempo trabalho doméstico e profissional e a divisão sexual do trabalho; (f) sentidos atribuídos ao trabalho: a concepção que os trabalhadores e trabalhadoras possuem acerca de seu trabalho em termos de reconhecimento social e de posição social; (g) sindicalização.

1. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

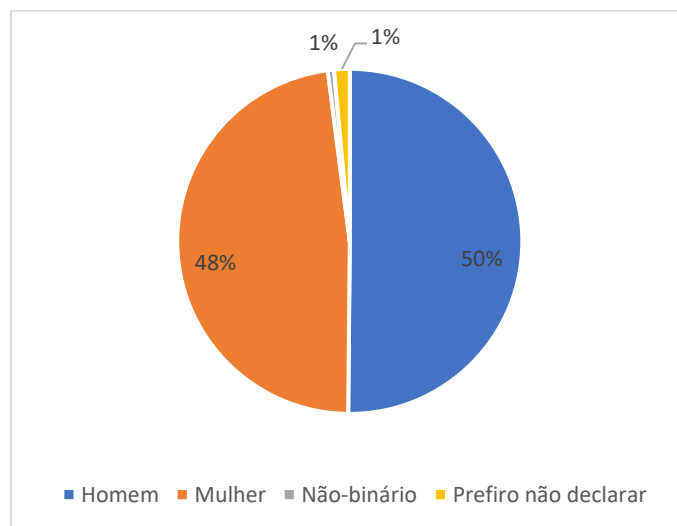
O questionário foi respondido por 343 trabalhadores e trabalhadoras no IFSP, no período compreendido entre 16 de novembro a 20 de dezembro de 2020, dos quais **196 (57,1%) são docentes** e **147 (42,9%) são técnicos administrativos**. Os respondentes correspondem a 6,5% do total de trabalhadores e trabalhadoras, 7,1% dos técnicos administrativos e 6,1% dos docentes. Relevante destacar que dobrou o percentual de respondentes em relação à primeira etapa da pesquisa (3% do total de trabalhadores)⁵.

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Os respondentes se autodeclararam, na sua maioria, homens (50,1%). **Dentre os docentes as mulheres são 38,8% e dentre os TAEs, as mulheres são 59,9%**. Apenas um docente e um técnico administrativo se autodeclararam não binários.

Perguntados sobre a orientação sexual, tanto docentes (86,2%) como técnicos administrativos (85%) se autodeclararam heterossexuais. A bissexualidade e homossexualidade são declaradas por 9,7% dos docentes e 11,6% dos técnicos administrativos.

Gráfico 1 – Sexo – Docentes e TAEs



⁵ Segundo os dados do Sistema Unificado de Administração pública (SUAP), em agosto de 2020, o IFSP possuía 3.215 docentes e 2.053 técnicos administrativos totalizando 5.258 trabalhadores e trabalhadoras. Disponível em: <https://suap.ifsp.edu.br/accounts/login/?next=/>. Acesso em setembro de 2020.

IDADE

Os trabalhadores do IFSP são, na sua maioria, **jovens na faixa etária entre 31 e 50 anos de idade, dentre os docentes 73% e dentre os técnicos administrativos 87%**. Na faixa etária de 31 a 50 anos, predomina aqueles que possuem idade entre 31 e 40 anos, dentre os docentes são 42,9% e dentre os TAEs 47,6%. Tal composição etária expressa a política de expansão, entre 2004 e 2016, e a reorganização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica⁶. No início dos anos 2000 havia 140 Institutos Federais no país e entre 2004 e 2016 foram criadas 504 novas unidades educacionais, presentes em mais de 10% dos municípios brasileiros⁷.

A maioria das mulheres (47%) docentes e TAEs são jovens, estão na faixa etária entre 31 e 40 anos. Entre os homens, 39% dos docentes e 48% dos TAEs possuem idade entre 31 e 40 anos.

Tal configuração etária nos permite afirmar que os trabalhadores do IFSP estão distantes da idade em que poderão usufruir dos direitos à aposentadoria.

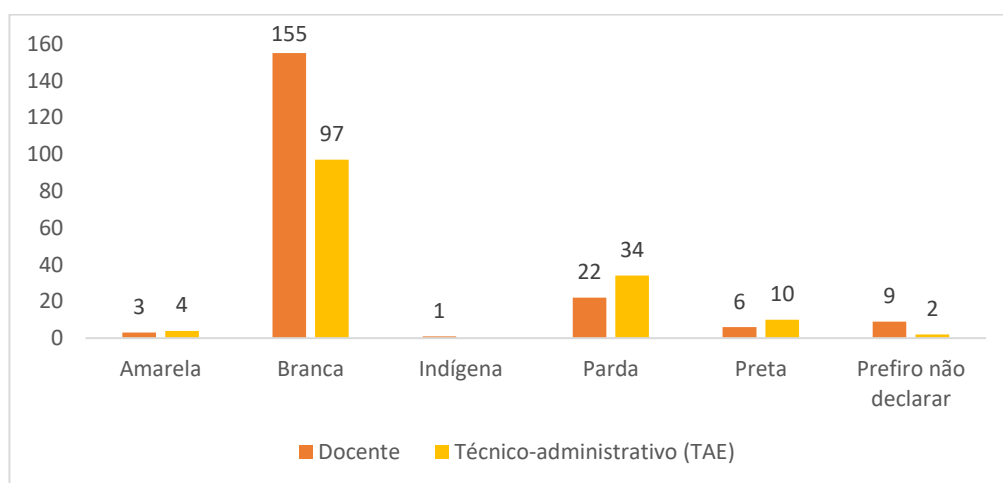
⁶ A Rede Federal é formada por Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPT), pelos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), pelas Escolas Técnicas vinculadas às universidades federais, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e pelo Colégio Pedro II (Lei nº. 11.891/2008)

⁷ Ver SOUZA, Liliane Bordignon. **Reforma expansão da educação profissional técnica de nível médio nos anos 2000**. Dissertação Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp, 2014. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253914>. Acesso em 23/03/2021. FAVERI, D.B.; PETTERINI, F.C.; BARBOSA, M.P. Uma avaliação do impacto da política de expansão dos Institutos Federais nas economias dos municípios brasileiros. **Planejamento e Políticas Públicas**. Brasília, DF: IPEA, nº 53, 2018, p. 125-147.

COR OU RAÇA

A pesquisa observou que a presença de pretos e pardos é maior entre os técnicos administrativos (29,9%) se comparados com os docentes (14,3%). Entre os docentes, 79% se autodeclararam brancos e 66% dos técnicos administrativos também. Dentre as mulheres, 80% das docentes e 68% das TAEs se declaram brancas, mas pardas e pretas são 18% das docentes e 27% das TAEs. Dentre os técnicos administrativos – homens e mulheres – o percentual de negros (pretos e pardos) é mais expressivo do que dentre os docentes.

Gráfico 2 – Cor ou Raça - Docentes e TAEs



ESTADO CIVIL OU SITUAÇÃO CONJUGAL

Os trabalhadores do IFSP são, na sua maioria, casados ou vivem com companheiro ou companheira ou estão em união estável, 70% dos docentes e 63% dos técnicos administrativos. Dentre os docentes 18,9% são solteiros e dentre os técnicos administrativos 34%.

A maioria das mulheres que trabalham como TAEs declararam que são casadas (42%), 15% possuem união estável e 11% vivem com um companheiro(a). Com isso, observamos que 68% das mulheres TAEs compartilham a vida com companheiros(as). A situação conjugal das docentes é semelhante, 36% são casadas, 13% possuem união estável e 13% vivem com companheiro(a), perfazendo um total de 62% que compartilham a vida com companheiros(as).

FILHOS

A maioria (57,1%) dos técnicos administrativos não tem filhos e 36,8% têm um ou dois filhos; diferentemente dos docentes, cuja maioria tem um ou dois filhos (51,5%) e 41,3% não tem filhos.

Considerando apenas as mulheres, 50% das docentes e 46% das TAEs possuem filhos(as). Entre as docentes, 36% possui 1 filho(a) e 17% dois filhos(as); entre as técnicas 22% possui 1 filho(a) e 15% 2 filhos(as). É importante notar que 60% dos homens TAEs não possuem filhos(as) e 42% dos docentes homens também não.

Gráfico 3 – Quantidade de filhos – Docentes mulheres

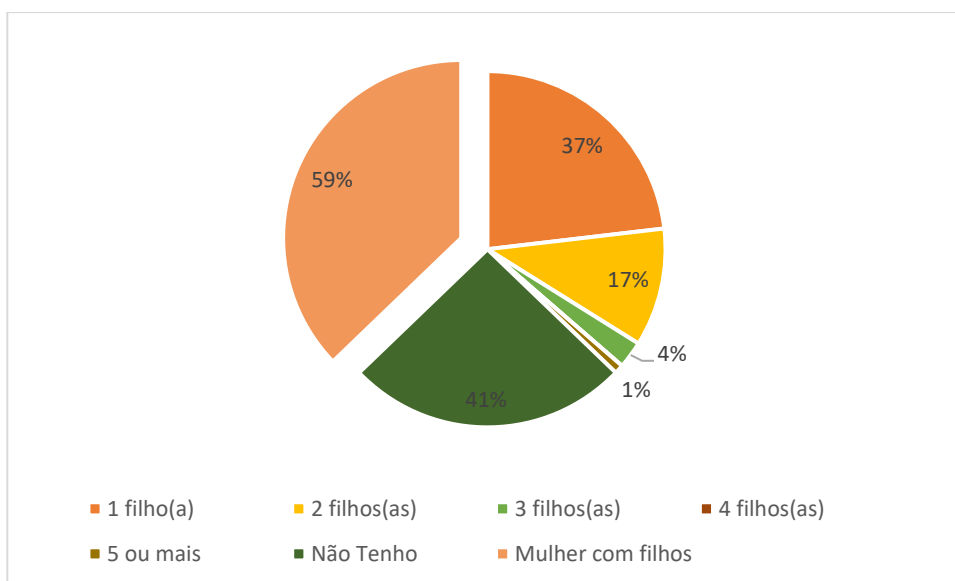
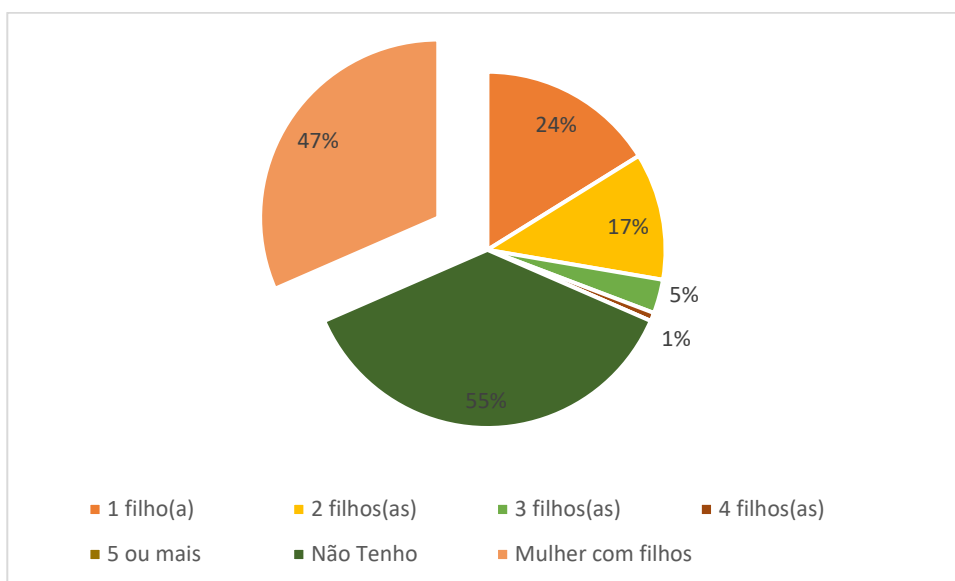


Gráfico 4 – Quantidade de filhos – TAEs mulheres



COM QUEM MORA

Considerando que a maioria dos trabalhadores informam que a situação conjugal é de “casamento”, observamos que 48% dos docentes e 47,6% dos técnicos administrativos vivem com cônjuge ou companheiros. Vivem com filhos (e por vezes com companheiros) 18,4% dos docentes e 4% dos técnicos administrativos. Moram sozinhos 17,8% dos docentes e 14,3% dos técnicos administrativos.

Quando indagados com quem compartilham a moradia, 35% das mulheres docente responderam que moram com cônjuge ou companheiro(a), 18% moram sozinhas, 15% moram com os filhos(as) e 11% moram com outros parentes. Entre os homens docentes, 57% declararam morar com cônjuge ou companheiro(a). Entre as mulheres TAEs, 55% das mulheres vivem com cônjuge ou companheiro(a), 11% com familiares e 11% sozinhas. Entre os TAEs homens 34% moram com cônjuge ou companheiro(a), 41% moram com familiares, 18% moram sozinhos. Com isso, observamos que a maioria dos respondentes compartilham a casa com outras pessoas.

ESCOLARIDADE

Indagados sobre a escolaridade, observamos que os dois grupos de trabalhadores são bastante qualificados se tomamos a escolaridade como referência. Dentre os docentes 46% possuem doutorado, 41% mestrado, 5,1 especialização e 7,6% pós-doutorado. Dentre os técnicos administrativos, 50% possuem especialização, 26,5% mestrado, 2,7% doutorado e 0,7% pós-doutorado; 19% são graduados: bacharéis (10,2%), tecnólogos (6,8%) e licenciados (2,0%); apenas 1,4% possuem formação escolar de nível médio.

Observando especificamente o nível de escolaridade das professoras, 55% das respondentes possuem doutorado e 32% mestrado; entre os docentes homens 39% possuem doutorado e 47% possuem mestrado. Entre os TAEs, 53% das mulheres possuem especialização e 27% possuem mestrado; entre os homens respondentes 44% possui especialização e 22% possuem mestrado. As mulheres respondentes possuem um nível de escolaridade maior do que os homens.

2. RELAÇÕES DE TRABALHO

LOCAL DE TRABALHO

Observamos que foram poucos os campi que não contaram com, pelo menos, um respondente. Dentre os docentes os respondentes trabalham em 33 campi e dentre os técnicos administrativos encontramos trabalhadores em 34 campi.

ÁREA DE TRABALHO

Os docentes trabalham, majoritariamente (78,6%), no “curso técnico integrado ao ensino médio”⁸, mas também 68,9% do total de respondentes trabalha no ensino superior – graduação (bacharelado, licenciatura ou tecnologia)⁹. Nos cursos técnicos concomitante e/ou subsequente ao ensino médio trabalham 22,4%; nos “cursos técnicos integrados Proeja” 11,2%; e nos cursos “Proeja-FIC” 10,7% dos docentes. Nos cursos de pós-graduação trabalham 16,3% dos professores. Os dados nos permitem afirmar que os professores trabalham simultaneamente em diferentes níveis de ensino.

Os técnicos administrativos trabalham, na sua maioria, na direção adjunta de ensino (38%), seguido de 11,6% na diretoria geral do campus, 10,2% na direção adjunta de administração, 9,5% na pró-reitoria de ensino, 6,1% na pró-reitoria de administração, 5,4% na pró-reitoria de extensão e 5,4% na reitoria. Os demais estão espalhados em diferentes áreas.

Os docentes foram indagados sobre as disciplinas nas quais trabalham, se formação geral (57%), formação técnica e tecnológica (36%) ou formação pedagógica (9%). Como se observa a maioria dos respondentes atua na formação geral nas ciências humanas (32,1%), ciência exatas e da terra (29,6%), linguística, letras e artes (10,7%), ciências biológicas (3,6%). Os que atuam na formação técnica e tecnológica são predominantemente das engenharias (13,3%) e das ciências sociais aplicadas (7,1%).

A maioria das docentes que responderam ao questionário, 43% pertence a área de Ciências Humanas e Aplicadas, 19% de Linguística, Letras e Artes e 18% Ciências Exatas e da Terra. Em contrapartida, a maioria dos homens, 38%, pertence a área de Ciências Exatas e da Terra, 23% a área de Ciências Humanas e Aplicadas e 20% a área de Engenharias. Nos Institutos Federais as mulheres estão concentradas em disciplinas da formação geral, enquanto os homens são mais numerosos nas áreas técnicas.

TEMPO DO TRABALHO NO IFSP

Os docentes, na maioria, trabalham há menos de 10 anos no IFSP (75,5%), entretanto a maioria já era professor ou professora antes de ingressar no IFSP, pois 73% têm 10 anos ou mais de experiência no magistério.

⁸ O curso garante tanto a formação do ensino médio quanto a técnica profissional. <https://ifsp.edu.br/cursos?layout=edit&id=123>. Acesso 17/02/2021. Havia em dezembro de 2020 matriculados no curso técnico integrado ao nível médio 11.314 estudantes somando todos os campi do IFSP. <https://ifsp.edu.br/component/content/article?layout=edit&id=1124>. Acesso em 17/02/2021.

⁹ Na graduação estavam matriculados 22.480 estudantes em dezembro de 2020, sendo 5.832 no bacharelado, 7.871 na licenciatura e 8.777 nos cursos tecnológicos. <https://ifsp.edu.br/component/content/article?layout=edit&id=1124>. Acesso em fevereiro de 2021.

A mesma situação é observada em relação aos técnicos administrativos, 70,1% trabalham há menos de 10 anos IFSP, mas já eram trabalhadores no setor público antes de ingressar no Instituto Federal, pois 43,5% têm 10 ou mais anos de trabalho no setor público.

Tabela 1 - Tempo de trabalho dos respondentes como docentes

Docentes				
	Homem	%	Mulher	%
De 1 mês a 3 anos	3	3	2	3
De 3 anos e 1 mês a 6 anos	7	6	7	9
De 6 anos e um mês a 10 anos	18	16	4	5
De 10 anos e 1 mês a 20 anos	51	45	44	58
De 20 anos e 1 mês a 30 anos	19	17	15	20
De 30 anos e 1 mês a 35 anos	8	7	2	3
35 anos ou mais	7	6	2	3
Outros	1	1	-	-

Tabela 2 - Tempo de trabalho dos TAEs no serviço público

Técnico-administrativo (TAE)				
	Homem	%	Mulher	%
De 1 mês a 3 anos	3	5	6	7
De 3 anos e 1 mês a 6 anos	10	17	15	17
De 6 anos e um mês a 10 anos	17	29	32	36
De 30 anos e 1 mês a 35 anos	1	2	1	1
De 10 anos e 1 mês a 20 anos	25	43	31	35
De 20 anos e 1 mês a 30 anos	2	3	3	3

CARREIRA NO IFSP

Ainda que estejam trabalhando a menos de 10 anos no IFSP observamos que há grande mobilidade ascendente na carreira para ambos os segmentos de trabalhadores. A carreira docente é organizada em cinco níveis (DI a DV), a maioria (57%) dos professores estão no meio da carreira (DIII) e 20% são DIV. Os técnicos administrativos também possuem uma carreira com cinco níveis e estão alocados nos dois últimos níveis da carreira: 53% no último nível (E) e 40,1% no penúltimo nível (D).

A maioria das docentes, 56%, está no nível DIII da carreira e 19% no nível DIV. A situação dos homens respondentes é bastante semelhante, 48% estão no nível DIII e 29% no nível DIV. Entre as mulheres TAEs, 53% estão no nível E e 32% no nível D, enquanto entre os homens TAEs 51% estão no nível D e 33% está no nível E. Observamos que as mulheres docentes estão no meio da carreira, enquanto as técnicas já estão nos níveis finais da carreira.

Gráfico 5 – Nível na Carreira – TAEs %

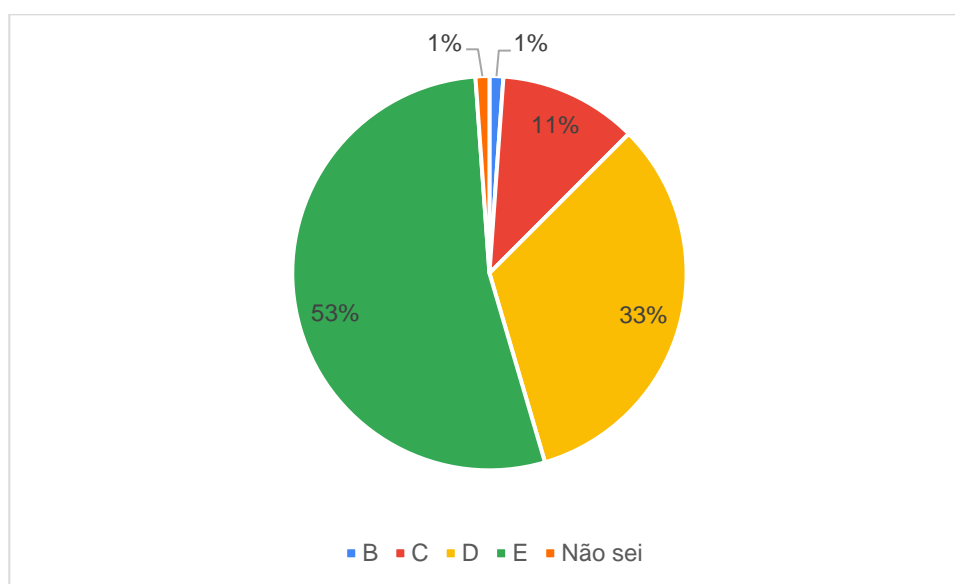
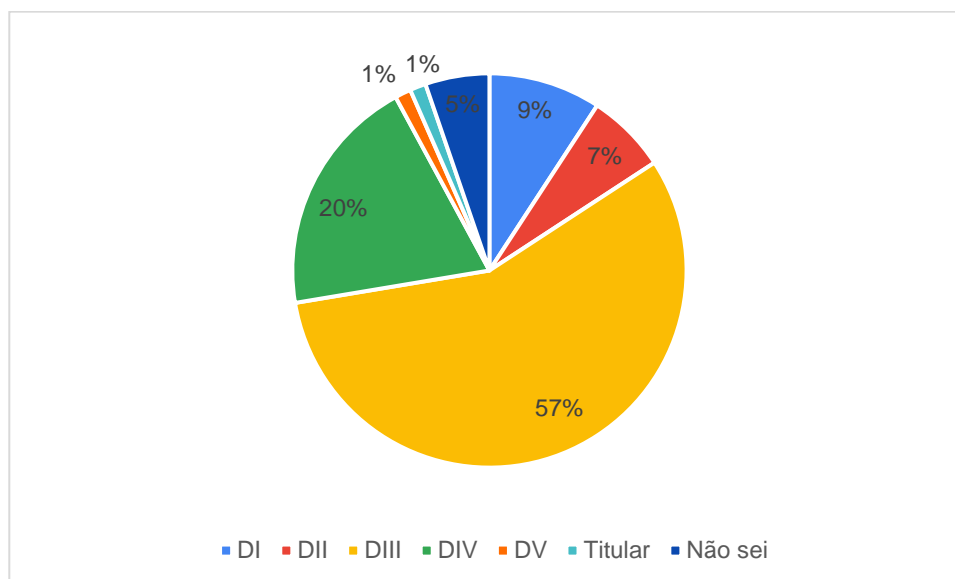


Gráfico 6 – Nível na Carreira – Docentes %

CONTRATOS DE TRABALHO

Observamos que 97,4% dos professores e 99,3% dos técnicos administrativos são concursados, portanto submetidos ao regime jurídico único (estatutários) e efetivos. O setor público, com regime de trabalho próprio, acessa um conjunto de direitos e garantias previstas no Estatuto do Funcionário Público.

3. CONDIÇÕES DE TRABALHO

TEMPO DE TRABALHO ANTES E DURANTE O ISOLAMENTO

Antes do isolamento 69,9% dos docentes trabalhavam 40 horas semanais, 7,6% trabalham 30 ou menos horas por semana, 18,4% trabalham entre 50 e 60 horas semanais e os demais (4%) tiveram dificuldades em mensurar o tempo de trabalho semanal. A maioria trabalhava cinco (59,7%) ou mais dias (26,5%) por semana, 19,4% trabalham 4 dias e 3,6% três dias.

Durante o isolamento o número de horas semanais aumentou significativamente, apenas 12,7% trabalhavam 40 horas semanais e 69,4% trabalhavam 50 ou 60 horas semanais e 2% informaram que trabalhavam mais de 60 horas semanais. Apenas 6% responderam que trabalhavam menos de 40 horas por semana. Indagados sobre a quantidade de dias semanais dedicados ao trabalho docente, 88,7% informavam que tinham uma jornada semanal com mais de 5 dias de trabalho, 15,3% trabalhavam 5 dias e 3% tinham jornada igual ou inferior a 4 dias semanais.

Metade (50,2%) dos técnicos administrativos antes de isolamento social trabalhavam 40 horas semanais, 17,7% trabalhavam 20 horas semanais e 15% 30

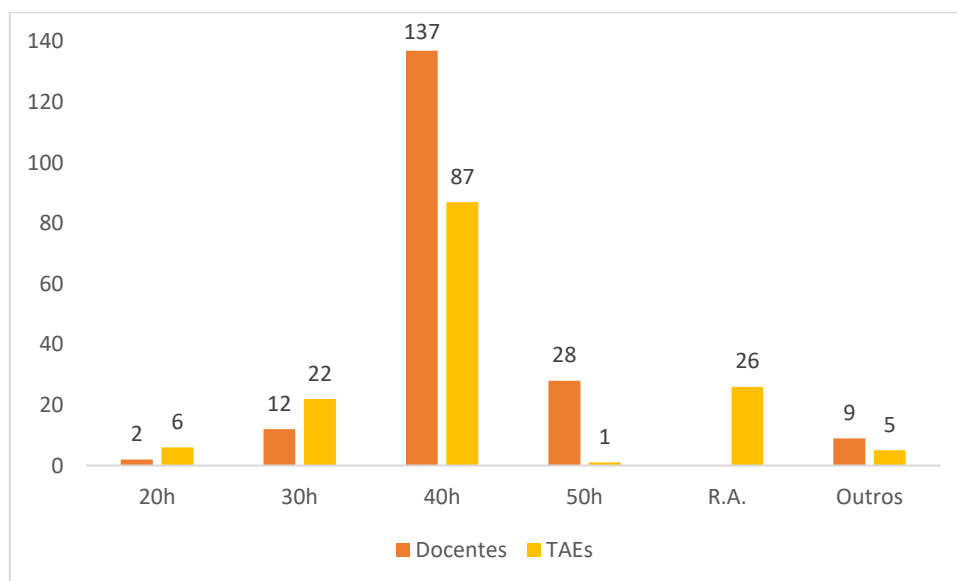
horas semanais; portanto 82,9% tinham jornada de trabalho igual ou inferior a 40 horas semanais.

Com o isolamento social este percentual diminuiu, 61,9% dos técnicos passam a trabalhar até 40 horas semanais e 38,1% têm jornadas superior de até 60 horas semanais. Antes do isolamento 83,7% dos técnicos trabalhavam 5 dias por semana, durante o isolamento este percentual caiu para 66,7% e 23% passaram a trabalhar mais de 5 dias semanais (antes menos 1% trabalhava mais de 5 dias).

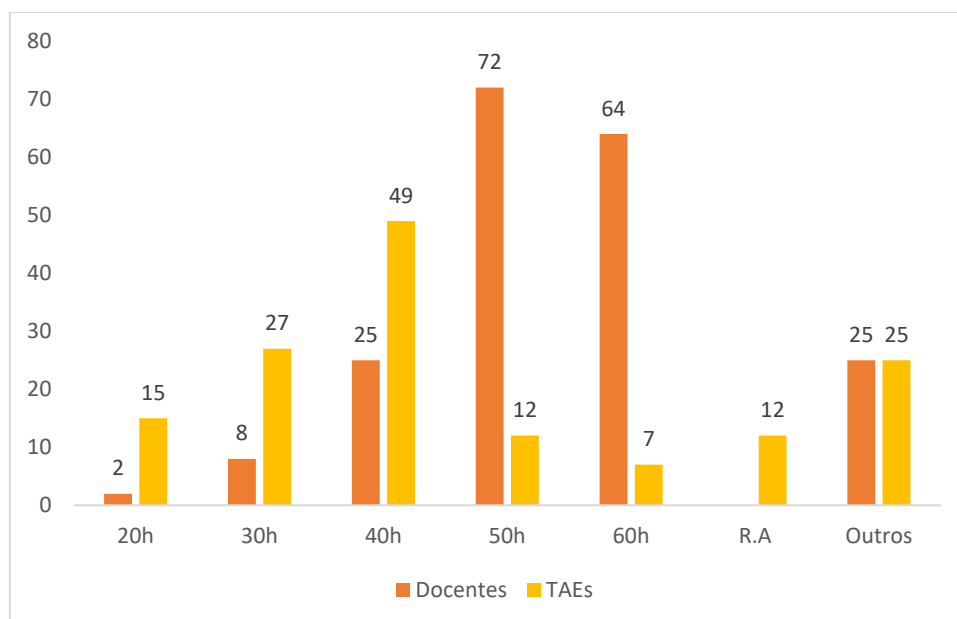
Observamos que 65% dos docentes homens e 77% das docentes mulheres afirmaram que dedicavam 40 horas ao trabalho antes do isolamento social. Entre os TAEs, 63% dos homens e 55% das mulheres trabalhava 40 horas. Após o isolamento social, ao menos 64% dos docentes homens e 76% das mulheres dedicavam mais de 50 horas semanais. Entre os técnicos a situação é diferente, 58% dos homens dedicavam entre 20 e 30 horas semanais após o isolamento e 47% das mulheres trabalhava entre 30 e 40 horas semanais.

Os gráficos demonstram que 85% das mulheres e 75% dos homens docentes passaram a dedicar mais de 5 dias na semana ao trabalho. Entre os TAEs, 74% dos homens e 62% das mulheres passaram também a dedicar 5 dias ao trabalho e 13% dos homens e 29% das mulheres dedicam mais de 5 dias, quando anteriormente os números de dias eram inferiores. Antes da pandemia, 61% das mulheres e 58% dos homens docentes dedicavam 5 dias semanais ao trabalho; enquanto entre os técnicos 87% dos homens e 80% das mulheres dedicam 5 dias ao trabalho. Observamos que uma parte dos trabalhadores passou a exercer suas funções em mais de 5 dias na semana, ultrapassando os limites do horário de descanso remunerado.

**Gráfico 7 – Quantidade de horas trabalhadas antes do isolamento social –
Docentes e TAEs**



**Gráfico 8 – Quantidade de horas trabalhadas após o isolamento social –
Docentes e TAEs**



RITMOS E METAS DE TRABALHO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

Os docentes (68,4%) informam que passaram a trabalhar em ritmo mais acelerado e 16,6% avaliam que passou a trabalhar em ritmo mais lento e apenas 5% consideram que não houve alteração no ritmo de trabalho.

Dentre eles, 90,3% consideram que aumentou a quantidade de trabalho, 3% avaliam que houve diminuição da quantidade e 2,5% não houve nenhuma mudança.

Para 39,3% dos docentes as metas de produtividade do trabalho no IFSP não se mantiveram as mesmas, para 25% não houve alteração nas metas, 10,2% não sabe se houve mudanças nas metas, entretanto 25,5% informam que não há metas de produtividade, portanto $\frac{3}{4}$ dos docentes reconhecem que há metas de produtividade no IFSP (explícitas ou não). Dentre eles, 54,1% informam que se desgastam para cumprir metas estabelecidas, 8,7% indicam que não tem problemas em cumprir as metas estabelecidas e 7,6% consideram que as metas estabelecidas são inexecutáveis e não consegue cumpri-las.

Diferentemente dos técnicos, os docentes (37,2%) avaliam que há maior cobrança das atividades remotas por parte das chefias imediatas, mas 32,7% não consegue avaliar se houve ou não cobranças. Para 15,8% não houve nenhuma cobrança e para 14,3% a cobrança foi menor.

Entre os técnicos 44,2% avaliam que passaram a trabalhar em ritmo mais acelerado, 23,1% informam que passou a trabalhar em ritmo mais lento e 18,4% o ritmo de trabalho remoto se manteve o mesmo que o presencial.

Para 42,9% dos técnicos houve um aumento na quantidade de trabalho, para 21,1% não houve mudança e para 18,4% houve diminuição no trabalho técnico-administrativo.

Para 24% dos técnicos administrativos as metas de produtividade do IFSP durante o isolamento social mantiveram-se as mesmas, enquanto 16,3% consideram que elas se alteraram e 10,2% não sabe avaliar. 36% dos técnicos compreendem que não há metas de produtividade. Para 32,7% dos técnicos não há problemas para cumprir metas estabelecidas, mas 21,1% avaliam que se desgasta para cumprir as metas.

De acordo com 35% dos técnicos(as), as chefias imediatas não fazem nenhuma cobrança para o cumprimento das atividades remotas estabelecidas durante o isolamento social e 18,4% dos técnicos(as) sente que a chefia imediata cobra menos. Há uma maior cobrança para cumprimento das atividades remotas para 17,7% dos técnicos, entretanto 28,6% não consegue avaliar se há ou não cobrança.

Quando indagados sobre os ritmos de trabalho no contexto da pandemia, 71% dos docentes homens e 65% das mulheres afirmaram que passaram a trabalhar em um ritmo mais acelerado. Entre os técnicos, 34% dos homens e 51% das mulheres afirmaram que também tiveram seus ritmos de trabalho acelerado. Além disso, 91% dos homens e 89% das mulheres docentes afirmaram que o que mais mudou em sua rotina foi o aumento de trabalho. Entre os TAEs, 31% dos homens e 51% das mulheres ponderou que houve aumento de trabalho na rotina. Entretanto, dentre os técnicos homens, 27% afirmaram que sua rotina de trabalho não mudou durante o isolamento.

ADOCIMENTO

Docentes e técnicos foram demandados a informar se haviam adoecido, durante o isolamento social, por razões relacionadas ao trabalho. Dentre os docentes, 50% adoeceram, 37,8% não adoeceram e 12,2% não sabe se adoeceu. Professores e professoras adoeceram por distúrbios osteomusculares (83,7%); por distúrbios mentais e comportamentais (81,6%); por agravamento doenças crônicas (16,3%) e por distúrbios da voz (14,3%).

Dentre os técnicos administrativos, 46,3% adoeceram por motivos relacionados ao trabalho, 43,5% informam que não adoeceu e 10,2% não sabe se adoeceu. Os distúrbios mentais e comportamentais atingiram 88,2% dos técnicos e os distúrbios osteomusculares atingiram 73,5%. As doenças crônicas foram agravadas para 12,8% e 5,9% tiveram distúrbios da voz.

Observamos que a maioria dos docentes de ambos os sexos afirmaram que adoeceram por questões relacionadas ao trabalho. No gráfico abaixo é possível verificar que 45% dos homens docentes e 57% das mulheres já adoeceram devido a questões relacionadas ao trabalho no isolamento social. No caso dos TAEs a situação é diferente, a maioria dos homens afirmou que não adoeceu por questões relacionadas ao trabalho. Observamos no gráfico que 31% dos técnicos homens e

56% das mulheres já adoeceram. Os números são bastante elevados e demonstram a situação de penúria vivenciada no contexto da pandemia.

Gráfico 9 - Você avalia que já adoeceu por questões relacionadas ao trabalho durante o isolamento social? Docentes

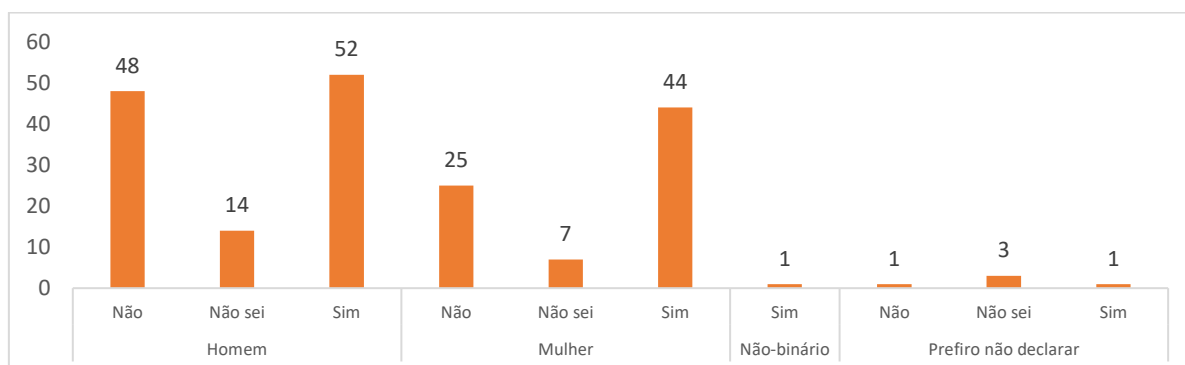
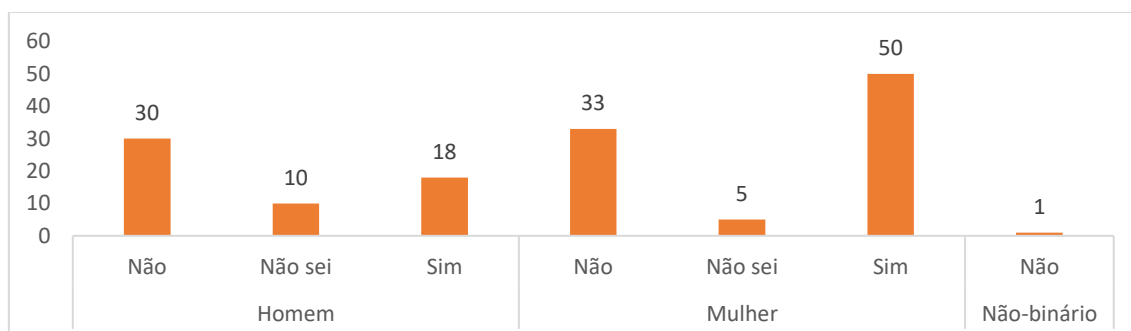


Gráfico 10 - Você avalia que já adoeceu por questões relacionadas ao trabalho durante o isolamento social? TAEs



Quando indagados sobre o tipo de adoecimento enfrentado durante o isolamento social, notamos que 11% dos homens docentes e 36% das mulheres enfrentaram distúrbios mentais, comportamentais e osteomusculares. Outros 10% dos homens docentes enfrentaram somente distúrbios osteomusculares, o que significa que aproximadamente 21% dos docentes homens tiveram esse tipo de problema. Entre os técnicos, 13% dos homens tiveram algum distúrbio osteomuscular e 26% das mulheres tiveram distúrbios mentais, comportamentais e osteomuscular. É possível notar que os trabalhadores têm adoecido no contexto do trabalho remoto, durante o isolamento social, principalmente as mulheres docentes, sobrecarregadas com a dupla jornada: trabalho profissional e trabalho doméstico.

4. AVALIAÇÃO DO TRABALHO REMOTO

DIFICULDADES NA REALIZAÇÃO DO TRABALHO REMOTO

Os trabalhadores e as trabalhadoras do IFSP foram indagados sobre quais eram as dificuldades encontradas na realização do trabalho remoto, era permitido pelo questionário que assinalassem quantas alternativas avaliassem necessárias para expressar sua percepção. Para a exposição das dificuldades aglutinamos as dificuldades entre docentes e técnicos, tomados no seu conjunto, por características do trabalho. Para os docentes aglutinamos nos blocos que se seguem pela relevância apontada: concepção de trabalho docente, ritmo de trabalho, tensões e condições emocionais, dinâmica familiar e condições de materiais. Para os TAEs foram aglutinados em: ritmo, dinâmica familiar e tensões

Os docentes atribuem a maior dificuldade à falta de convívio com estudantes (91,3%) e ao fato de que os estudantes não participam das atividades de ensino e aprendizagem da mesma maneira que presencialmente (84,7%). Portanto, as maiores dificuldades estão no centro do ofício docente como atividade relacional com estudantes.

O recebimento de demandas de trabalho em qualquer horário e dia da semana, inclusive aos finais de semana (78,6%); a falta de convívio com os colegas de trabalho (70,4%) e maiores interrupções na realização do trabalho (65,8%) são o segundo grupo de dificuldades e são referidos às condições de trabalho

Outro grupo de dificuldades está diretamente vinculado às tensões e condições mentais para a realização do trabalho remoto, 64,8% dos docentes informam que o ritmo de trabalho é mais moroso na realização das tarefas usuais, talvez por dificuldade de concentração; 54,6 % sentem muita angústia na realização do trabalho remoto; 26% têm menos disciplina no trabalho.

A dinâmica familiar é considerada uma dificuldade para 58,7% dos respondentes docentes, pois possuem dificuldade em separar a vida familiar da atividade profissional.

Um grupo menor de respondentes informam que as condições materiais se apresentam como dificuldades, nesse grupo 39,3% não têm equipamentos adequados e 16,8 % têm dificuldade para manusear o computador e os softwares. Somente 3,6% não têm enfrentado dificuldades na realização do trabalho remoto.

Os técnicos administrativos sentem muita falta do convívio com colegas (61,9%); se ressentem de receber demandas de trabalho em qualquer horário e dia da semana, inclusive aos finais de semana (55,1%) e de não ter equipamentos adequados para trabalhar em suas residências (46,3%). Consideram que as interrupções no trabalho são mais frequentes o que afeta a qualidade do trabalho. As tensões também se expressam na demora na realização das atividades usuais (30,6%), na ausência de disciplina no trabalho (18,4%), na angústia na realização do trabalho remoto (22,4%).

Ainda que não trabalhem diretamente com estudantes, os técnicos (as) também se ressentem da ausência desse contato (42,2%). Um grupo maior de

técnicos (se comparados com os docentes) manifesta que não tem enfrentado dificuldades no trabalho remoto (23,1%).

Na desagregação por gênero, selecionamos as principais dificuldades apontadas na realização do trabalho remoto escalonadas por ordem de aparecimento. Lembrando que docentes e TAEs indicaram em suas respostas que ocorreu o aumento de número de horas trabalhadas, sendo que a maioria trabalha mais de 40 horas semanais na realização do trabalho remoto, portanto, apontaram uma extensificação do trabalho nesse novo contexto.

Observamos que para a maioria dos homens docentes (58%) o principal problema é que os estudantes não participam das atividades da mesma maneira e, na sequência, 48% colocou que o problema é que recebem demandas de trabalho a qualquer hora e dia da semana, inclusive aos finais de semana. Para as mulheres docentes os principais problemas se invertem em relação aos homens, 70% das mulheres indicaram que o principal problema é que recebem demandas de trabalho a qualquer hora e dia da semana, inclusive aos finais de semana, seguido pelo fato de que os estudantes não participam das atividades da mesma maneira. Consideramos somente os TAEs, para 53% dos homens o principal problema é a falta de convívio com os colegas de trabalho e 40% sentem falta de equipamentos adequados. Observamos que o principal problema apontado por 63% das mulheres é a falta de convívio com os colegas de trabalho, seguido por 47% que indicaram que o pior problema é que recebem demandas de trabalho a qualquer hora e dia da semana, inclusive aos finais de semana.

Chama a atenção que mais de 50% das mulheres docentes afirmaram ainda que sentem falta do convívio com os colegas de trabalho (59%); que demora mais para realizar as tarefas usuais (57%); sente muita angústia na realização do trabalho (55%); e que tem dificuldade em separar a vida familiar da atividade profissional. Observando as mulheres técnicas, verificamos que mais de 40% afirmaram ainda que sentem falta de equipamento adequado (43%); que tem dificuldade em separar vida familiar de atividade profissional (43%); e que sentem falta do convívio com os estudantes. É interessante observar que somente 36% dos homens docentes e técnicos possuem dificuldade em separar vida familiar da atividade profissional, enquanto entre as mulheres esse número chega a aproximadamente 50%. Isso evidencia as diferenças enfrentadas por homens e mulheres na realização do trabalho remoto e/ou a dupla jornada vivenciada pelas mulheres.

Tabela 3 - Dificuldades encontradas na realização do trabalho remoto durante o isolamento social - Docentes e TAEs

	Docentes %		Técnicos-administrativos (TAEs) %	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Os estudantes não participam das atividades da mesma maneira	58	68	14	28
Recebo demandas de trabalho em qualquer horário e dia da semana, inclusive aos finais de semana	48	70	38	47
Sinto falta do convívio com colegas de trabalho	43	59	53	63
Demoro mais para realizar as tarefas usuais	43	57	31	28
Tenho mais interrupções na realização do trabalho	37	50	29	38
Tenho dificuldade em separar a vida familiar da atividade profissional	36	51	36	43
Sinto falta de equipamentos adequados	34	25	40	43
Sinto muita angústia na realização do trabalho remoto	32	55	17	25
Sinto falta do convívio com os estudantes	19	20	28	41
Eu tenho menos disciplina no trabalho	18	21	19	17
Tenho dificuldade para manusear o computador e os softwares	15	16	3	2
Tenho que tomar decisões sozinho(a)	-	-	21	22

5. DINÂMICA FAMILIAR

USO DO TEMPO TRABALHO DOMÉSTICO E PROFISSIONAL

O dispêndio do tempo dedicado às atividades domésticas ou trabalho doméstico durante o isolamento social aumentou para 91% dos docentes, sendo que aumentou um pouco para 14,3% e aumentou significativamente para 77%. Para 7,1% não mudou, não aumentou nem diminuiu. E somente para 1,5% dos docentes diminuiu.

As mudanças na rotina dos docentes são mais referidas às atividades domésticas: 84,2% realiza mais tarefas domésticas como limpar, lavar, cozinhar; 64,3% cuidam da organização, gestão e controle de tarefas da família em casa e 43,4% cuidam do quintal, jardim e plantas. Sobre as atividades de cuidados: 38,3% utilizam mais tempo nos cuidados de crianças e/ou adolescentes; 17,9% utilizam mais tempo no cuidado de idosos. Em relação a outros aspectos, observamos que: 48,5% navegam mais tempo na internet (sites de notícias, blogs; 27,6% têm mais acesso mais as redes sociais e 30,6% assistem mais filmes e *lives* pela internet;

29,1% vivencia mais situações de pressão e constrangimento e 4,1 % vivencia mais situações de violência física e ou simbólica.

O dispêndio do tempo dedicado às atividades domésticas ou trabalho doméstico durante o isolamento social aumentou para 83,7% dos técnicos administrativos, sendo que aumentou um pouco para 20,4% e aumentou significativamente para 32,7%. Para 12,9% não mudou, não aumentou nem diminuiu. E para 3,4% dos técnicos diminuiu.

As mudanças nas rotinas domésticas para os técnicos(as) são mais referidas às atividades domésticas: 86,4% realizam mais tarefas domésticas como limpar, lavar, cozinhar; 61,9% cuidam da organização, gestão e controle de tarefas da família em casa e 52,4% cuidam do quintal, jardim e plantas. Sobre as atividades de cuidados: 32,7% utilizam mais tempo nos cuidados de crianças e/ou adolescentes; 20,4% utilizam mais tempo no cuidado de idosos. Por outro lado, 24,5% navegam mais tempo na internet (sites de notícias, blogs; 25,9% acessam mais as redes sociais e 25,9% assistem mais filmes e lives pela internet. Dentre os técnicos (as), 14,3% vivenciam mais situações de pressão e constrangimento e 1,4% vivenciam mais situações de violência física e ou simbólica.

Tabela 4 - O que mudou na rotina doméstica durante o isolamento social - Docentes e TAEs

	Docente				TAEs			
	Homem	%	Mulher	%	Homem	%	Mulher	%
Realizo mais tarefas domésticas como	68	60	42	55	35	60	42	48
Cuido da organização	47	41	35	46	21	36	36	41
Navego mais tempo na internet	44	39	25	33	13	22	13	15
Cuido do quintal	33	29	26	34	24	41	23	26
Vivencio mais situações de pressão e constrangimento	27	24	19	25	5	9	10	11
Acesso mais as redes sociais	24	21	12	16	12	21	16	18
Assisto mais filmes e lives pela internet	24	21	14	18	14	24	17	19
Cuido mais tempo das crianças/adolescentes	28	25	22	29	16	28	19	22
Cuido mais tempo de idosos	15	13	14	18	11	19	10	11
Vivencio mais situações de violência física e/ou simbólica	5	4	2	3	1	2	1	1

Quando indagados sobre os tipos de tarefas que realizam, os docentes e técnicos(as) afirmam que realizam muito mais tarefas domésticas como limpar, lavar e cozinhar e/ou cuida da gestão e controle das tarefas da família em casa. As mulheres apontam ainda a necessidade de cuidados com crianças e idosos. Em geral, 44% dos docentes homens dedicam de 8 a 9 horas diárias ao trabalho remoto e 53%

das mulheres dedicam a mesma quantidade. Entre os técnicos, 37% dos homens dedicam de 8 a 9 horas ao trabalho remotos, 40% das mulheres dedicam a mesma quantidade de horas. Em relação a dedicação ao trabalho domésticos, 51% dos homens dedicam de 3 a 4 horas diárias a esse tipo de trabalho, enquanto 50% das mulheres dedicam o mesmo tanto. Considerando os TAEs, 41% dos homens dedicam de 3 a 4 horas ao trabalho doméstico e 40% das mulheres dedicam a mesma quantidade de horas. Quando analisamos a distribuição da quantidade de horas dedicadas ao trabalho doméstico, distribuídas entre homens e mulheres, como exposto nos gráficos abaixo, verificamos que as mulheres dedicam mais horas ao trabalho doméstico do que os homens.

O local de trabalho é uma questão importante para os trabalhadores no contexto do trabalho remoto. Considerando os docentes, 64% dos homens e 63% das mulheres avaliam a adequabilidade do local que possuem para o exercício do trabalho como razoáveis (maioria) e péssimas. Entre os técnicos, 65% dos homens e 40% das mulheres possuem local adequado para o trabalho, mas compartilham com filhos(as) e/ou outros membros da família. Portanto, observamos que as condições de trabalho desses profissionais são inadequadas, muito diferentes daquelas encontradas na instituição, principalmente para os docentes.

A mudança na rotina doméstica durante o isolamento social alterou significativamente o trabalho dos docentes e técnicos(as). Observamos nos gráficos abaixo, que para 75% dos homens e 77% das mulheres o dispêndio de tempo com atividades domésticas aumentou. Entre os técnicos(as), 56% dos homens e 67% das mulheres afirmaram que o dispêndio de tempo aumentou ou aumentou muito durante o isolamento social. Como observado anteriormente, o cuidado com filhos(as) que se encontram igualmente em isolamento social torna a quantidade de tarefas domésticas muito maior.

Gráfico 11 - Avaliação do dispêndio de tempo dedicado às atividades domésticas/ao trabalho doméstico durante o isolamento social - Docentes

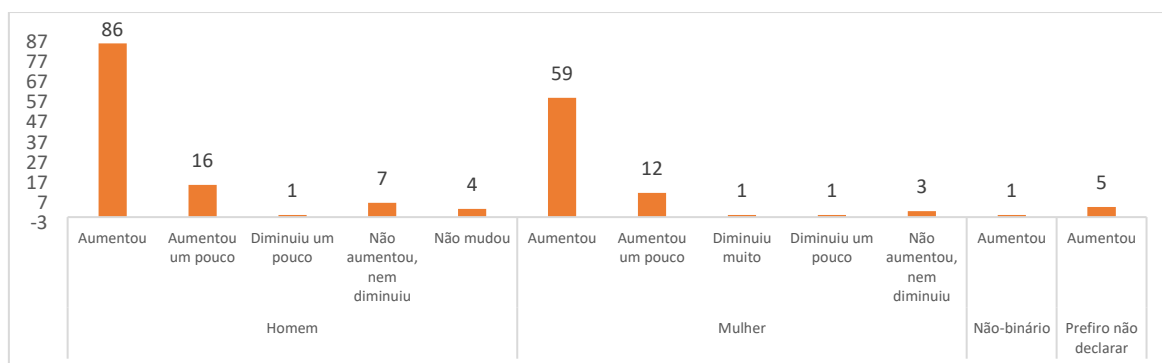
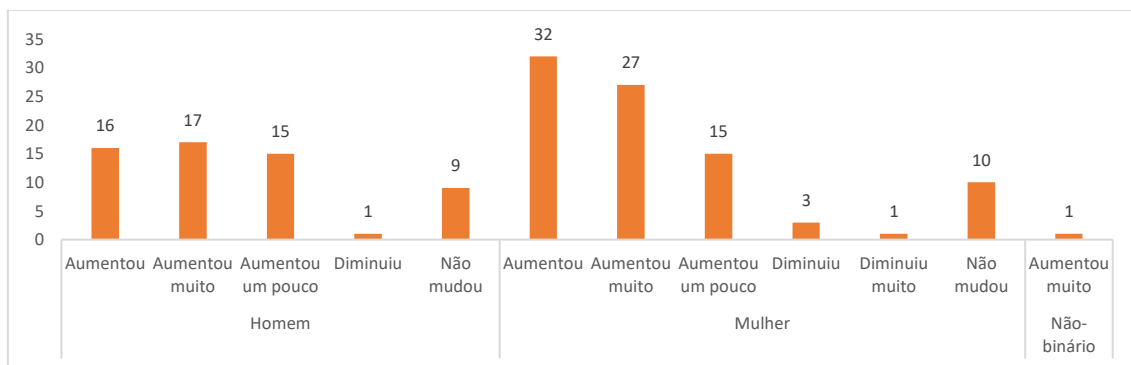


Gráfico 12 - Avaliação do dispêndio de tempo dedicado às atividades domésticas/ao trabalho doméstico durante o isolamento social - TAEs



DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Entre os docentes, 77% informaram que há uma divisão do trabalho doméstico, distribuída da seguinte forma: 33,2% consideram igualitária, cada um faz sua parte; 22,4% consideram que há divisão, mas exerce a menor parte; 21,4% consideram que há divisão, mas exerce a maior parte. Por outro lado, 19,9% informam que não há divisão do trabalho: 8,2% não há divisão, realiza tudo sozinho; 11,7% não há divisão, mora sozinho

Entre os técnicos(as), 78,2% informaram que há uma divisão do trabalho doméstico: 32% consideram igualitária, cada um faz sua parte; 16,3% consideram que há divisão, mas exerce a menor parte; e 29,9% consideram que há divisão, mas exerce a maior parte. 21,8% informam que não há divisão do trabalho: 9,5% não há divisão, realiza tudo sozinho; 11,6% não há divisão, mora sozinho.

Quando indagados sobre a divisão do trabalho doméstico em casa, 42% dos docentes homens, a maioria, afirmou que a divisão é igualitária e 34% das mulheres sinalizou que há divisão, mas exerce a maior parte e 9% realizam todo o trabalho sozinha. Entre os técnicos(as), 41% dos homens afirmaram que a divisão é igualitária e 43% das mulheres ponderou que há divisão, mas realizada a maior parte e 10% realizam todo o trabalho sozinha. Os gráficos relacionados ao trabalho doméstico demonstram que as mulheres consideram que aumentou muito esse tipo de trabalho no isolamento social e elas exercem a maior parte dos serviços, evidenciando a permanência da desigualdade entre os sexos no exercício das tarefas domésticas. Chama a atenção o comentário de uma das mulheres, que selecionou a opção outros e afirmou: “praticamente não há divisão, meu companheiro faz alguma coisa quando quer e surta se tiver que assumir responsabilidades”.

Gráfico 13 – Como você avalia a divisão do trabalho doméstico em sua casa durante o isolamento social? Docentes

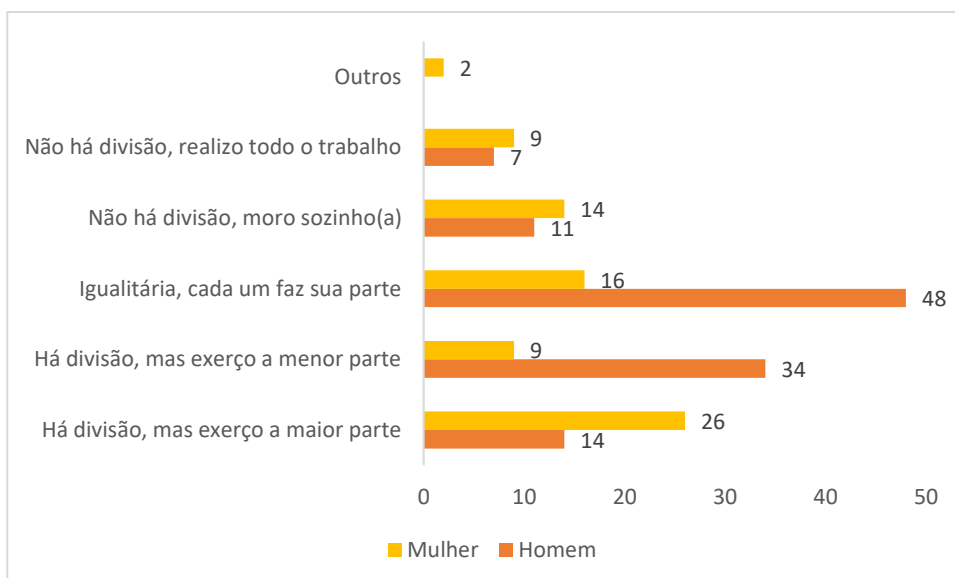
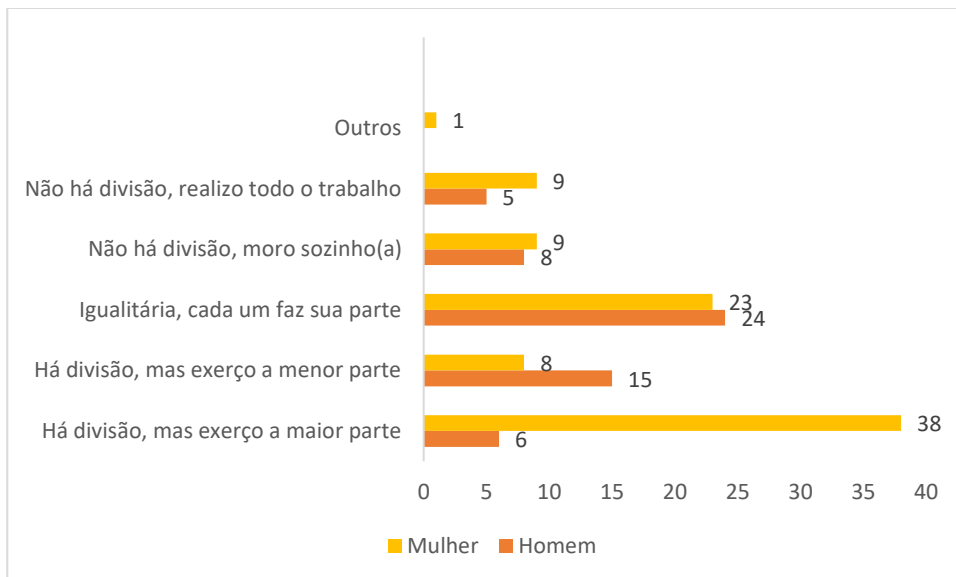


Gráfico 14 – Como você avalia a divisão do trabalho doméstico em sua casa durante o isolamento social? TAEs



6. SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO

A maioria dos professores (78%) considera que seu trabalho é valorizado, ou seja, é reconhecido socialmente como um trabalho relevante, em especial pelos estudantes (66,8%). 55,1% consideram que o trabalho poderia ser mais valorizado, associado às condições de trabalho e salários. Somente 13,3% considera que seu trabalho não é valorizado socialmente.

A maioria dos técnicos-administrativos (50,5%) também considera que seu trabalho é valorizado, mas a valorização se expressa por meio de reconhecimento monetário (salários, 45,6%) e pelas chefias (49,7%).

O reconhecimento pelo trabalho que realizam está fortemente associado ao sentido do trabalho e do labor. Para os docentes as dimensões trabalho e labor aparecem como possibilidade de reconhecimento de que realizam um trabalho relevante, como trabalho é a possibilidade de criação, formação de estudantes; como labor está associado às condições de trabalho e salário. Para os técnicos administrativo o labor é mais visível no atributo do reconhecimento e nesta direção 32% considera que não é valorizado.

A noção de valorização que se expressa materialmente (por meios de salários) e simbolicamente (por meio do reconhecimento social) coloca em evidência a noção de sentidos do trabalho.

Associada à noção de reconhecimento social está a noção de mérito, como uma categoria sociopolítica na qual o poder é confiado àqueles mais qualificados ou mais competentes. A meritocracia se realiza mediante processos de seleção e de promoção dos mais aptos a legitimação das hierarquias e desigualdades sociais. Os professores se reconhecem como portadores de mérito acadêmico que permite a distinção entre indivíduos e grupos? 12,2% dos respondentes colocam em xeque a categoria mérito para compreender as distinções sociais e profissionais. Para 31,1% o mérito é decorrente da formação acadêmica, a distinção se dá pelas instituições de formação; para 16,8% o mérito é decorrente do trabalho árduo; para 16,1% o mérito se dá pela capacidade intelectual ou talento de cada um. O mérito se assenta em qualidades individuais (talentos, esforços) e não na origem social. Solicitados a apontar do que decorre o mérito secundariamente, as mesmas variáveis se mantêm.

Para os técnicos administrativos o ingresso mediante concurso público é um mérito decorrente da capacidade intelectual ou dos talentos de cada um (31,3%), da formação acadêmica (20,4%), do trabalho árduo (19,7%). Entretanto, 9,5% dos técnicos administrativos informam que no ingresso no setor público a questão do mérito não é importante. Secundariamente se mantêm as variáveis com percentagens diferenciadas. Os indivíduos aparecem como responsáveis pelas suas trajetórias num contexto competitivo, o mérito parece ser tornar necessário para fazer face as desigualdades sociais e a intensificação da competição.

Afinal, se o mérito permite distinguir os indivíduos e grupos sociais, como os docentes e técnicos administrativos se reconhecem no trabalho no setor público, na situação no mercado de trabalho e no trabalho. A situação de classe não é suficiente para indicar a consciência de classe ou de ação de classe. Os respondentes podem se compreender numa situação de classe e participar de lugares e papéis sociais diferenciados (prestígio, mérito, distinção) e hierarquizados.

Dentre os professores 56,1% se compreendem como trabalhadores intelectuais e 28,1% trabalhadores, portanto 84,2% dos professores se compreendem como trabalhadores. Mas também são profissionais (40,3%) e funcionários público (49%).

Dentre os técnicos administrativos, 83% se consideram servidores públicos, mas também são profissionais (53,7%), trabalhadores (39,5%) e funcionários públicos (13,6%).

Observamos que 4% dos docentes homens e 4% das mulheres, consideram que o trabalho é totalmente valorizado; 67% das docentes e 47% dos docentes acreditam que poderiam ser mais valorizados; e 4% das mulheres e 18% dos homens acreditam que não há valorização. Analisando as respostas dos TAEs, observamos que 50% dos homens e 50% das mulheres acreditam que é valorizado, mas poderia ser mais, enquanto 40% dos homens e 27% das mulheres acreditam que o trabalho não é valorizado.

Gráfico 15 - Valorização do trabalho - Docentes %

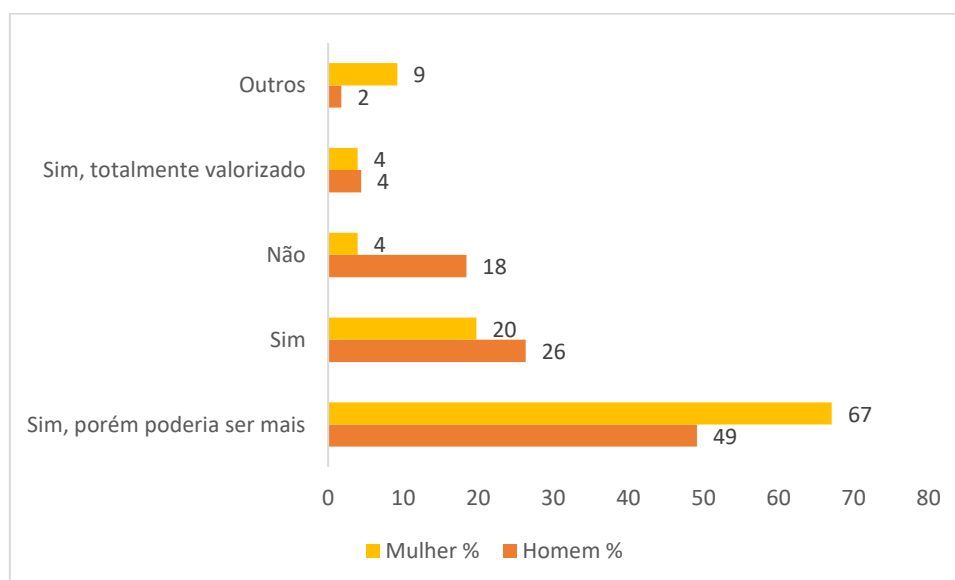
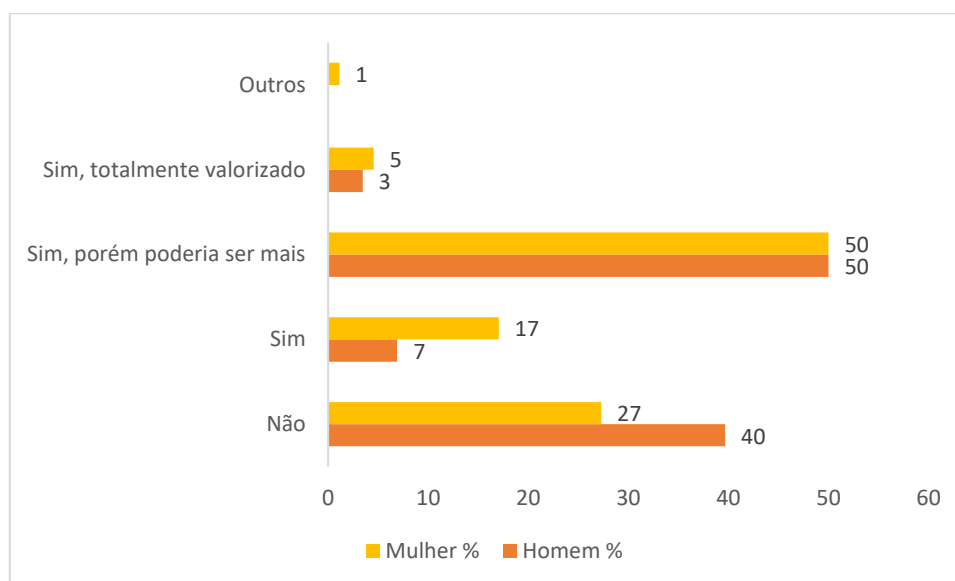


Gráfico 16 – Valorização do trabalho – TAEs %

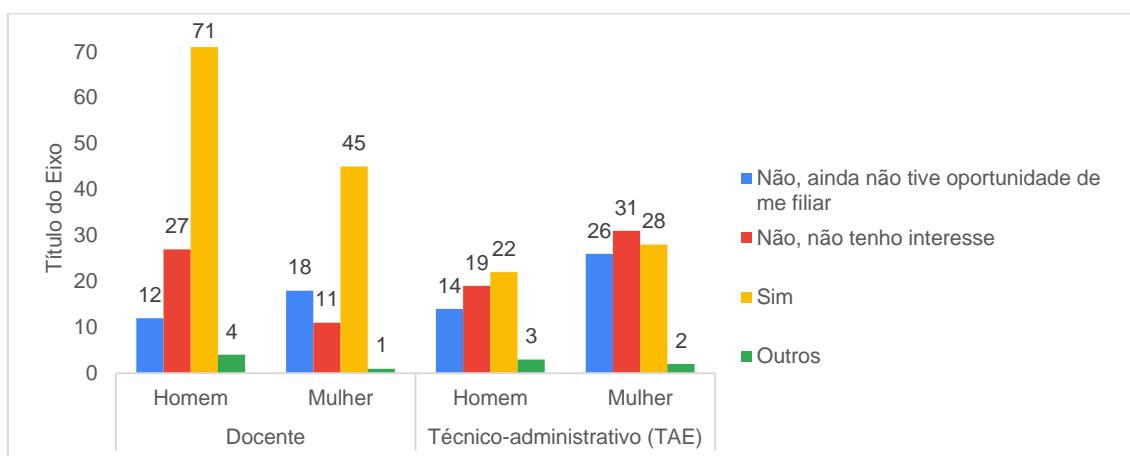
7. RELAÇÕES SINDICAIS

FILIAÇÃO SINDICAL

Dentre os docentes, 60,7% são filiados ao SINASEFE, 18,9% não são filiados e não interesse em se filiar e 15,8% não são filiados por falta de oportunidade em fazê-lo. A taxa de filiação dos técnicos é inferior aos docentes, 34,7% são filiados, 32% não são filiados e não interesse em se filiar e 34,7% não são filiados por falta de oportunidade em fazê-lo.

Os sindicatos são muito importantes para 75% dos docentes, tem uma importância média para 15,8% e é pouco importante para 6,1%. Para os técnicos administrativos, os sindicatos são muito importantes para 71,4%, tem uma importância média para 19,4% e é pouco importante para 2%.

Os respondentes foram indagados sobre a filiação ao SINASEFE-SP, 62% dos docentes homens e 59% das mulheres eram filiados ao sindicato. Entre os técnicos(as), 37% homens e 31% das mulheres também eram filiados. Chama atenção que 32% das técnicas não eram filiadas e não tinham interesse em fazê-lo. Além disso, 24% dos técnicos e 29% das técnicas afirmaram que ainda não tiveram a oportunidade de se filiar. Entre os docentes, 10% dos homens e 22% das mulheres também afirmaram que não tiveram a oportunidade de se filiar. Os números absolutos sobre a sindicalização podem ser observados no gráfico abaixo.

Gráfico 17 – Filiação ao SINASEFE – Seção São Paulo

AS OBRIGAÇÕES SINDICAIS

Para os docentes os sindicatos devem representar os professores e professoras em demandas gerais perante as direções e reitorias do IFSP (93,9%) e perante o MEC e o governo federal (93,4%); oferecer serviços jurídicos (86,7%); apoiar os docentes em demandas pessoais perante as direções e a reitoria do IFSP (69,9%); oferecer planos de saúde (41,8%); oferecer serviços de lazer (31,6%). Nenhum professor respondeu que não deveria haver sindicatos.

Para os técnicos administrativos os sindicatos devem representar os técnicos em demandas gerais perante as direções e reitorias do IFSP (91,2%) e perante o MEC e o governo federal (91,8%); oferecer serviços jurídicos (83%); apoiar os técnicos em demandas pessoais perante as direções e a reitoria do IFSP (72,1%); oferecer planos de saúde (49,7%); oferecer serviços de lazer (45,6%). Um técnico respondeu que não deveria haver sindicatos.